

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BIBLIOTECÁRIO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

*Helena Pereira da Silva
Aline França de Abreu*

Resumo

Diante de uma nova ordem organizacional e comportamental, que está transformando o cenário mundial, e que encaminha para a necessidade de "mudar para sobreviver", este artigo traça algumas considerações/indagações para reflexão, sobre o bibliotecário diante dessa nova revolução ocasionada pelas tecnologias de informação.

Palavras-chave:

Bibliotecário-novo paradigma; Tecnologias de informação-impactos.

1 AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E A NOVA ORDEM MUNDIAL COMO CENÁRIO

Aproximadamente 500 anos se passaram desde o final da Idade Média, quando aconteceu a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, até o início da Revolução Industrial, na metade do século 18, desencadeada pelo desenvolvimento de um sistema de engrenagens, que convertia o movimento do pistão do motor a vapor em força rotativa para acionar um eixo. Essa tecnologia de força mudou radicalmente a vida diária das pessoas e fundamentalmente a noção de tempo. (Davidow, Malone, 1993)

Em um período muito menor, desde o surgimento do primeiro computador em 1945, uma força muito mais poderosa está mudando de maneira ainda mais drástica a organização da humanidade, a própria vida das pessoas: o processamento da informação a velocidades cada vez mais espantosas através das novas tecnologias de informação. (Davidow, Malone, 1993)

Essas tecnologias que possibilitaram a ampliação, na ordem de milhões no sentido de eficiência, estão se impondo às organizações, que somente sobreviverão e só levarão vantagem com a coordenação dessas novas tecnologias no trabalho das pessoas, e se através dessas tecnologias se conectarem em redes de cooperação. Está surgindo uma nova ordem organizacional, onde a chave para o sucesso será a conexão via computadores e redes de computadores.

As organizações mudam de estruturas rígidas e hierárquicas para organizações flexíveis. A linha que separa gerência e subordinados passa a ser mais tênue num sistema que encoraja os funcionários a pensarem e tomarem decisões. Gerentes e subordinados passam a trabalhar em equipe num sentido de coordenação e o fluxo da informação passa da posição vertical para a circular.

A anterior coleta de informações pelas vias hierárquicas, hoje é tarefa para os computadores que recebem, armazenam, processam e disponibilizam as informações. A estrutura organizacional se achata, dando ênfase a programas de qualidade que prevêm treinamentos voltados a eficiência dos funcionários que ficam aptos a utilizar as informações fornecidas por redes de computadores e a resolver problemas com um mínimo de supervisão.

A velocidade da coleta e do processamento das informações, por essas tecnologias vai permitindo às empresas extrapolar suas fronteiras numa interatividade com outras organizações em qualquer lugar, que passam a ter relações de cooperação e interdependência, formando uma corporação virtual, onde a chave não é o controle dos processos mas sim dos resultados .

A interdependência pressupõe um futuro comum e apoio mútuo entre fornecedores e clientes. O destino de um está atrelado

ao do outro. A dependência mútua irá caracterizar as relações entre corporações virtuais para garantia da eficiência e eficácia.

As tecnologias de informação subvertem totalmente a filosofia organizacional e de divisão do trabalho instaladas por Taylor com a gerência científica, e Ford com a produção em massa: o sistema produzia um só produto de uma só maneira com funcionários reduzidos a autômatos extremamente distanciados da gerência: lucro máximo, produção em larga escala e rigidamente controlada.

Com as novas tecnologias uma nova filosofia se instala: flexibilidade - a nova organização perde as linhas divisórias internas, e até entre as organizações essas linhas se tornam tênues formando as corporações; sensibilidade/adaptabilidade - revisão e mudança constantes para atender às necessidades do mercado.

Essa nova ordem organizacional e comportamental, que está transformando o cenário mundial, encaminha para a necessidade de "mudar para sobreviver". É com essa visão que colocamos aqui alguns pontos como considerações/indagações para reflexões sobre o profissional da informação, mais especificamente o bibliotecário, diante dessa revolução ocasionada pelas tecnologias de informação.

2 QUEM É PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO?

O século XX é o século da informação. Surgem as ciências que cuidam da interface linguagem do homem x linguagem da máquina. A representação do conhecimento na inteligência artificial copia os modelos da memória do homem, e o almejado é dotar a máquina também de uma lógica quase humana. (Mostafa,1996)

A representação do conhecimento na máquina pretende ser rica e dinâmica: escrita, ícones, imagens tridimensionais, sons, e não está muito remota a incorporação da estimulação sensorial pelo tato e o olfato, o que parece incrível, mas as pesquisas caminham céleres nesse sentido.

Colocar o conhecimento na máquina, criar mecanismos de recuperação e de disseminação, são processos que exigem uma competência cada vez maior, e o que vem se observando, é que

todas as profissões estão procurando se capacitar para lidar com a informação. A autonomia do usuário é cada vez mais perseguida, já que as tecnologias propiciam facilidades para a comunicação e para a recuperação da informação.

Ocupar-se com informação está se transformando em um grande negócio. O mercado da informação apresenta uma gama variada de oportunidades e todos estão querendo explorar os seus domínios. O que interessa não é mais a formação profissional, e sim os resultados como determina a nova ordem. As áreas ligadas a automação vêm trabalhando efetivamente em assuntos que tratam da informação como por exemplo, recuperação da informação, que é de fundamental importância ou a grande chave para os sistemas de informação.

No artigo "*Microeletrônica e ocupação: o impacto na profissão do contador*", Luz (1989), lança um questionamento: "*A contabilidade é uma ocupação ou uma profissão? O que distingue ocupação de profissão!*" Focaliza as profissões contábeis a luz dos impactos da automação, associada ao processo de burocratização da sociedade, procurando identificar mudanças no exercício profissional, no conteúdo do trabalho e nas habilidades e qualificações exigidas. Realiza uma pesquisa de campo, onde os resultados mostraram que a burocratização exerce acentuado predomínio sobre as profissões, reduzindo a autonomia ocupacional. Luz (1989) utiliza um referencial teórico,

"...que parte do pressuposto de que as ocupações atingem o status de profissão mediante organização, desenvolvimento da base teórica e técnica, que é monopolizada por seus membros, e tem reconhecimento externo por parte dos clientes, do público em geral e do Estado. Dessa forma, os critérios relativos à conduta profissional, e os padrões de avaliação e de remuneração do trabalho são definidas pelo grupo profissional. Quando tais condições são alcançadas, diz-se que a profissão goza de autonomia. Um aspecto de importância fundamental para que a autonomia se

mantenha é a preservação da base de conhecimento, monopólio exclusivo dos profissionais ..." (Luz, 1989)

Diante das seguintes considerações:

- as tecnologias de informação e seus possíveis impactos;
- relacionando, como Luz (1989), impactos com tecnologia e burocratização, sistema de controle social, no qual, assim como os contadores, também os bibliotecários têm sido formados;
- levando em conta o constatado interesse geral pelos assuntos relacionados com informação,

arriscamos a pergunta: ser bibliotecário é ocupação ou profissão? Parece-nos um assunto polêmico, que vale a pena discussão aprofundada, em função da nova realidade informacional.

A instituição "biblioteca" -coleção de livros- e seus profissionais: os "bibliotecários", carregam uma identidade instaurada na Idade Média, onde a biblioteca era um lugar de retiro, de isolamento, permitido a privilegiados, e quem ali atuava era um membro do poder e que estabelecia as relações entre o autor e o leitor como intermediário (dono da informação), orientador de leituras (ideologia do poder), um intercessor (papel de censura). (Coelho Neto, 1996)

Hoje, o computador e a informação de todo o mundo estão dentro dos lares. O computador não precisa mais de um lugar específico para ficar. A informação não é avaliada pelo suporte físico, mas sim pela sua utilidade, e ela agora pode ser reprocessada ao gosto do freguês. Com isso caem por terra os conceitos de raridade e insubstituibilidade. Grandes obras de arte e raridades estão disponíveis em linha! (Coelho Neto, 1996)

As mudanças já instaladas impõem mudanças conceituais, de mentalidade, de comportamento. Reclamam organizações e profissionais pró-ativos. Portanto é fundamental que a atenção se amplie do "acervo" para o "acesso", impondo-se uma ampliação de habilidades que vão muito além do registro e da guarda de

documentos. A evolução se faz necessária e vem se prenunciando há tempos.

A maioria das bibliotecas se mobilizam na busca da informação fora de suas paredes procurando atender aos seus usuários, porém é preciso "incorporar conscientemente" o novo paradigma e aceitar que a informação definitivamente está atrelada as tecnologias automatizadas. A comunicação por "bits" não tem barreiras e para atuar no "ciberespaço" são necessárias novas competências.

No artigo *"Teleworking - opportunity, threat or irrelevance"*, Lett (1994) coloca que alguns bibliotecários e profissionais da informação têm sido vanguardistas no uso das redes globais de telecomunicação como a Internet, e têm utilizado como uma importante ferramenta de trabalho em rede. Já para alguns bibliotecários isso é irrelevante. Eles ignoram com que velocidade as tecnologias de informação estão mudando o mundo da informação, o fantástico crescimento do trabalho em rede, e a natural competitividade da indústria da informação com a qual os bibliotecários operam.

Ainda Lett (1994), numa demonstração da transformação da profissão, cita Bauwens (1993) e seu artigo *"The emergence of the cybrarian: a new organizational model for corporate libraries"*, onde ele documenta o processo de transformação da corporação bibliotecária para tele-redes de "ciberotecários", numa alusão aos profissionais da informação, que trabalham com a informação no "ciberespaço" **que não necessariamente são bibliotecários.** (Grifo nosso)

A transferência da informação exige cada vez mais eficiência, e um fator deve ser considerado pelos bibliotecários brasileiros ante ao impacto das novas tecnologias na profissão e "ameaça" da perda do espaço de atuação: o usuário brasileiro ainda não está preparado para o uso da parafernália tecnológica, e a busca da informação na confusão das redes. Existe um "gap" na familiarização com a tecnologia e ainda muita ansiedade ou a chamada "fobia tecnológica".

Porém, "fobia tecnológica" também assalta ainda, boa parte dos bibliotecários, que deve ser superada porque se constitui em um dos fatores marcantes, que caracterizam a resistência a mudança, associada a falta de sensibilidade para as constatações da realidade em mutação. Uma fórmula para o despertar dessa "consciência de mudança" é sem dúvida a educação continuada, que contribui para "abertura de visão". (Almeida, Moreno, Guershmann, 1996) (Miiller, S. 1996)

Aproveitando a experiência com técnicas de gerenciamento da informação e associando-as a conhecimentos sobre tecnologias da informação, ou trabalhando de maneira integrada em equipes multidisciplinares, o profissional deve assumir um importante papel de "filtro" na "loucura informacional" instalada nas redes. A informação é disponibilizada muitas vezes sem lógica, com índices e hipertextos mal estruturados.

Realçando a importância da adoção de um novo paradigma na Biblioteconomia Valentim (1995), cita Tofler que declara:

"o fato perturbador é que a vasta maioria das pessoas incluindo gente culta ou que possui outras formas de sofisticação, acha a idéia das mudanças tão ameaçadora, que tenta negar a sua existência. Mesmo muitas pessoas que têm compreensão intelectual de que a mudança se encontra em aceleração, ainda não incorporaram esse conhecimento, não levam em conta este fato social crítico ao planejar suas próprias vidas sociais."

Em "As Novas Tecnologias Multimídia e o Papel do Profissional de Informação e Documentação", Vidigal (1993) chama a atenção para que,

"...os utilizadores exigem cada vez mais que os produtos informáticos incluam facilidades tutoriais e de ajuda interactiva baseada em hipertexto e hipermídia, capazes de substituir os grossos volumes de papel de difícil consulta. Estas novas ferramentas deverão ser planejadas por documentalistas especializados e

*capazes de se integrar em equipes multidisciplinares de concepção e desenvolvimento informático. Tal como nos anos 50 e 60 as primeiras aplicações informáticas, fora do campo de cálculo científico, estiveram associadas ao tratamento e recuperação documental, o hipertexto e mais tarde o hipermédia foram uma decorrência da Gestão Eletrônica de Documentos (GEP). No entanto **os verdadeiros protagonistas continuam quase sempre a ser, e apenas, os informáticos.**" (Grifo nosso)*

Discorrendo sobre o tema da obsolescência etimológica do trinômio, Biblioteconomia, Biblioteca, Bibliotecário, Müller, R. (1995) cita Lancaster (1983) e seu artigo "*Future Librarianship, Preparing for an Unconventional Career*", escrito ainda nos anos oitenta, que já demonstra uma preocupação com essa mudança de enfoque:

*"O principal propósito deste artigo é defender o que eu sinto ser uma causa de mérito óbvio: mudar rapidamente o foco de nossa profissão da instituição biblioteca para as habilidades informacionais do profissional, que por falta de um termo melhor, continuo a me referir como bibliotecário. Eu tenho debatido por que esta mudança deveria ocorrer, porque a função do **bibliotecário não necessita ser dentro de uma biblioteca, e porque o bibliotecário pode viver bem mais que a biblioteca**". (Grifo nosso)*

Na Europa e Estados Unidos há muito existe a preocupação em acompanhar a evolução na área da informação e adequar conceitos e formação profissional. Como exemplo paradigmático de uma escola que acompanhou a evolução do mundo da informação, Vidigal (1993) aponta o conceituado Department of Information Studies da Universidade de Sheffield (DIS).

O DIS foi criado em 1964 como Escola de Pós-graduação em Biblioteconomia. Concedia um diploma de Bibliotecário já com

duas especializações, uma em bibliotecas e outra em informação científica e industrial. O que lhe deu reputação foi a ênfase no ensino de fontes de informação em ciência e tecnologia, e em estudos de usuários. Com esse enfoque, já inicialmente houve preocupação de um trabalho interdisciplinar com outros departamentos da Universidade. Sua especialidade em estudos de usuários é decorrência dessa interdisciplinaridade. (Vidigal,1993)

Ainda em 1967, a Escola passou a denominar-se Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação com um mestrado em Biblioteconomia e um em Estudos de Informação transformando-se em 1981 em Departamento de Estudos de Informação, e em 1988 muda a denominação dos dois cursos de mestrado para Estudos de Informação; e Gestão da Informação, este em colaboração com a Escola de Administração. Em 1992, os mestrados fundiram-se em Gestão da Informação, com opções de várias especializações, e ainda mantém um programa de aperfeiçoamento profissional onde as pessoas com pelo menos dois anos de experiência profissional relevante freqüentam com a possibilidade da obtenção do grau de Mestre. (Vidigal,1993)

Nos Estados Unidos Müller, R. (1995) cita a Universidade de Drexel, que com a perspectiva da ampliação de serviços em lugares não chamados bibliotecas, em 1978 de Graduate School of Library Science, passa a denominar-se School of Library and Information Science e já no início dos anos oitenta, contempla em seus currículos os sistemas de informação automatizados, que já receberam como alunos profissionais de outras formações interessados no gerenciamento da informação como, analistas de sistemas de informação, programadores, administradores de bases de dados e outros ligados fundamentalmente a área de automação. Em 1992, a escola amplia a concentração em sistemas de informação automatizados tornando-se uma área separada, e foi adicionada uma área de concentração em engenharia de software e mais recentemente explora redes e telecomunicações com a denominação de College of Information Science and Technology.

Como se constata, as preocupações com a necessidade de mudança conceituai e na formação do bibliotecário em função das

mudanças tecnológicas e a previsão da perda de espaço profissional, não são recentes no exterior. No Brasil só recentemente essas discussões vêm se ampliando. Um exemplo foi o SIMPÓSIO BRASIL SUL DE INFORMAÇÃO. Assumindo um Novo Paradigma: acervo x informação, organizado pelo Departamento de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina em maio de 1996, onde ficou clara a posição de vanguarda dos organizadores e de alguns palestrantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos que essa visão abrangente de formação, que já é realidade em outros países desde há muito, ainda está engatinhando no Brasil. Essa associação, estudos de informação e tecnologias, será assumida pelos cursos de Biblioteconomia?

Vale a pena reproduzir dois aspectos realçados por Vidigal (1993), quando da análise das atividades do DIS:

" O primeiro é o que diz respeito a relação que uma escola/universidade deve ter com o mundo real, para o qual é suposto estar a preparar profissionais, para ser capaz de acompanhar as mudanças e desejavelmente antecipar as necessidades futuras do mercado de trabalho;

. O segundo é a pluridisciplinaridade patenteada, não só nos curriculum, mas também a interligação com vários departamentos dentro da universidade, que assegura uma perspectiva mais rica para a formação do profissional de informação "

Cabe também aqui, uma expressão utilizada por Müller, M. (1995), no seu artigo "*Mudar é Preciso*", que consideramos muito apropriada: "miopia paradigmática", que emprega relembrando a história dos relojoeiros suíços, que não "enxergaram" as potencialidades do relógio a quartzo, inventado por um suíço, com o qual os japoneses "fizeram a festa". Foram arrogantemente "míopes" em se prenderem na "tradição suíça" em relógios.

É necessária uma cirurgia corretora da miopia e embarcar na mudança. Parece-nos que a tônica nos discursos dos autores "de visão", "positivistas", "mutantes", é ousadia. Ousadia tem sido sem dúvida o fator determinante da evolução da humanidade, e sem dúvida o que trouxe o "ciberespaço" para dentro das nossas casas.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz, MORENO, António, GUERSHMANN, Maurício. Novas tecnologias + telecomunicações = usuário satisfeito? In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. *Anais ...* Londrina: UEL, 1996. 324p. p. 241-52

COELHO NETO, José Teixeira. Do paradigma do acervo para o paradigma da informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. *Anais ...* Londrina: UEL, 1996. 324p. p. 15-30

DAVIDOW, W., MALONE, M. S.. *A corporação virtual; estruturação e revitalização da corporação para o século 21*. São Paulo: Pioneira, 1993

LETT, B. Teleworking -opportunity, threat or irrelevance? *Libr. Ass. Rec.*, v.96, n.12, p. 18-21, Dec. 1994.

LUZ, Talita Ribeiro da. Microeletrônica e ocupação: o impacto na profissão de contador. *RAE*, v.29,n.,p.5-18,abr./jun., 1989

MOSTAFA, Solange Puntel. Filosofando sobre a área de informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. *Anais ...* Londrina: UEL, 1996. 324p. p. 31-46

MÚLLER, Mary Stela. Mudar é preciso. *Inf. & /n/.*, v.0,n,0,p.42-6, jul.-dez.,1995

MULLER, Rogério. Biblioteconomia: obsolescência etimológica. *Inf. & Inf.*, v.0, n.0,p.36-41,jul.-dez.,1995

MÚELLER, Suzana Pinheiro Machado. Formação profissional e educação continuada- que profissional devemos ser? In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO,1996, Londrina. *Anais ...* Londrina: UEL, 1996. 324p. p. 253-272

VALENTIN, Marta Ligia Pomim. Assumindo um novo paradigma na Biblioteconomia. *Inf. & Infv.O*, n.0,p.2-6,jul;dez.,1995

VIDIGAL, L. As novas tecnologias multimídia e o papel dos profissionais de informação e documentação. *Cadernos BAD*, n.3,p.81-90, 1993

ISSUES REGARDING THE LIBRARIANS ROLE IN FACE OF THE INFORMATION TECHNOLOGY REVOLUTION

Abstract

In face of a new organizational and behavioral paradigm which is transforming the world scene, and leading us to apply the new order: "change to survive", this paper raises some issues regarding the librarians role in face of the information technology revolution.

Keywords:

Librarian-new paradigm; Information technologies-impacts

Helena Pereira da Silva

Mestre em Ciência da Informação pelo convênio - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia -IBICT

Doutoranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC -
Membro do Núcleo de Estudos em Inovação, Gestão e Tecnologia de Informação- IGTI
E-mail: helena@mboxl.ufsc.br

Aline França de Abreu

Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina
Ph.D. em Information Technology - Management Sciences - Faculty of Engineering - University of Waterloo - Canadá
Professora do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina Coordenadora do Núcleo de Estudos em Inovação, Gestão e Tecnologia de Informação- IGTI Email: aline@eps.ufsc.br
